



PIRES, Mário. O bicentenário. Diário do Povo, Campinas, 07 mar., 1974.

O BICENTENÁRIO

Diário do Povo

7.3.74

MÁRIO PIRES

A caravana campinense (ou campineira, que as duas formas são corretas) acabara de visitar a igreja de estilo moderno, de Blumenau. Quando começamos a entrar no ônibus, chegou um carro Corcel repleto de jovens barbudos e ruidosos. E na carroceria, os nomes de inúmeras cidades escritas à tinta, naturalmente visitadas.

Foi quando, surpresos, lemos mais estes dizeres inusitados:

"CAMPINEIROS, SÓ NA CHAPA"!

Os membros de nossa caravana tiveram diversas reações. Os de maior sensibilidade viram na frase, pusilanimidade, infantilidade, frivolidade dos rapazes, que se revelariam envergonhados da cidade de origem.

Nossa mulher, mais serena, mais pragmática, traduziu aquilo como simples atitude esportiva, uma brincadeira, do bulhento e juvenil grupo.

Mas, de qualquer ângulo que se pudesse encarar aquela "brincadeira", ela era deprimente para a nossa cidade.

Se a simples vista de uma chapa de automóvel de Campinas, pode suscitar comentários desairosos e irônicos, devido à triste fama que os invejosos e frustrados de nossa cultura e de nosso progresso, nos inculcaram, por que os próprios campineiros, numa espécie de masoquismo, fazem por lembrar o fato?

Parece que o campinense tem, mesmo, vocação para o sofrimento.

Se já carrega há anos aquele incômodo epíteto, por que insistir em grangear outros, também negativos? Como a fama de incoerentes, por exemplo.

Pois, por incrível que pareça, agora surge outra controvérsia entre os próprios campineiros que só pode trazer os piores efeitos para seus foros ilustrados.

É a questão da data exata do bicentenário de Campinas. Há duas alas, que se digladiam constantemente, uns, defendendo a data de 1739, como a certa e outros, 1774.

Os mais renomados e respeitosos historiadores estão com a segunda, e nós, depois da leitura atenta dos diversos escritos a respeito, inclinamo-nos para estes.

Quem lê detidamente as obras sérias e honestas que a extensa bibliografia lhes confere, de historiadores consagrados aqui e além fronteiras, como um Lycurgo de Castro Santos Filho, um Theodoro de Souza Campos Júnior, um Celso Maria de Mello Pupo, (para citar só os contemporâneos) não pode deixar de se impressionar com os inúmeros dados fidedignos por eles apresentados à luz da pesquisa, e concluir com plena convicção, pela data de 1774.

Mas, ficar debatendo publicamente seus pontos de vista, numa discussão negativa, é que não está certo. É uma "discussão inútil" — como escreveu outro dia a combativa acadêmica Concelção de Arruda Toledo — e prejudicial, juntaríamos.

Não pensam, os adultos, nos jovens estudantes, que ficam assim, na dúvida. E como o jovem, via de regra, não se interessa pela pesquisa histórica, (que é cansativa) ele se perguntará eternamente:

"Afim, em quem devo acreditar?"

Quando foi fundada a nossa cidade: 1739 ou 1774?

Não obstante, as piores e mais negativas impressões a respeito de nossa cultura, ficam com os alienígenas.

Que, afinal, ridicularizando o campinense, não de dizer:

"Qual! O campineiro não tem jeito mesmo!"

Em vez de se unir e se reunir amistosamente, pra defender o renome da cidade e procurar encontrar soluções exatas, com discrição, para controvérsias e os milhares de problemas que afligem a vida de seu povo, vive incorrendo em toleimas e fazendo crianças.

Como essa tirada incrível dos rapazes em Blumenau, do "Campinas, só na chapa"!